

---

## O ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI: O ENVOLVIMENTO COM O CRIME ANCORADO NA EMOÇÃO.

Neusa Francisca de Jesus<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo resulta de um estudo que teve como objetivo identificar e analisar as percepções de adolescentes em conflito com a lei sobre o seu envolvimento com a criminalidade, desenvolvido entre 2009-2011. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas em profundidade, orientadas por um roteiro semiestruturado, tendo como informantes-chave e sujeitos 20 adolescentes do sexo masculino, de 15 a 18 anos de idade, reincidentes, cumprindo medida socioeducativa em uma unidade da Fundação Casa – São Paulo-SP. A revisão bibliográfica aborda aspectos e dimensões diversos relacionados ao constructo teórico, com base nas principais teorias internacionais e nacionais que tangenciam o objeto de estudo. As análises orientaram-se pelo método da análise de conteúdo em Bardin (2002), identificando o contexto em que se deu o início da prática de delitos e de que maneira os informantes-chave associam infância, fatos, acontecimentos, relações, condições socioeconômicas ou outros elementos com o envolvimento com a criminalidade. Constatou-se que as percepções dos adolescentes sobre o seu envolvimento com o ato infracional, na condição de fenômeno presente na sociedade, estão associadas a três categorias: 1) a percepção sobre o envolvimento com o crime ancorado nas estruturas sociais; 2) a percepção sobre o envolvimento com o crime ancorado na emoção; 3) a percepção sobre o envolvimento com o crime ancorado na representação. O presente artigo, entretanto, versa sobre as percepções incluídas na terceira categoria: o envolvimento do adolescente com o crime ancorado na emoção, percepções estas relacionadas à maioria (60%) dos entrevistados. Conclui-se que, em decorrência da criminalização social e criminal, os adolescentes constroem suas percepções assumindo que estão envolvidos com a criminalidade, em que pese que se

---

<sup>1</sup>Pedagoga, Doutora em Serviço Social. Docente do Programa de Mestrado Profissional Adolescente em Conflito com a Lei e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade - GEPI- PUC-SP. E-mail: [njesus@uol.com.br](mailto:njesus@uol.com.br)

---

posicionem de maneira diversa em relação a esse processo.

**Palavras-chave:** Adolescente em conflito com a lei. Criminalidade. Ato infracional. Prática infracional. Privação de liberdade.

### **Youth Offenders and their involvement with crime grounded in emotion**

#### **ABSTRACT**

This article results from a study that aimed to identify and analyze the perceptions of adolescents in conflict with the law on their involvement with crime, carried out between 2009-2011. The research was conducted through in-depth interviews guided by a semi-structured script, involving 20 male adolescents as key informants and subjects, aged from 15 to 18 years old, relapsing, serving it in a socio-unit of the Fundação Casa - São Paulo-SP, Brazil. The literature review discusses various aspects and dimensions related to the theoretical construct, based on major international and national theories that the tangent object of study. The analyzes were guided by the method of content analysis of Bardin (2002), identifying the context in which they gave the beginning of the commission of offenses and how key informants associate with childhood, facts, events, relationships, socioeconomic status or other elements involved in crime. It was found that adolescents' perceptions about their involvement in the offense, as a phenomenon in society, are associated with three categories: 1) the perception of involvement in the crime grounded in social structures, 2) the perception on involvement with the crime grounded in emotion, 3) the perception of involvement in the crime grounded in representation. This article deals with the perceptions included in the third category: the adolescent's involvement with crime grounded in emotion, these perceptions are related to the majority (60%) of respondents. It is concluded that, due to the social and criminal criminalization, adolescents build their perceptions assuming they are involved with crime, despite that they position themselves differently in relation to this process.

**KEY WORDS:** Teen offender. Crime in Adolescence. Minor offender. Adolescence and Crime.

## **1. Intencionalidade do estudo**

O fenômeno do envolvimento dos adolescentes com práticas de delitos, especialmente as que atingem a vida e a integridade física de indivíduos, tem se tornado fonte de preocupação de setores da sociedade civil. Esta preocupação tem raízes no aparecimento cada vez mais precoce deste tipo de envolvimento (MINAYO, 1992; ASSIS, 2000), no maior número maior de adolescentes envolvidos nas práticas infracionais (ADORNO, 2002), no aumento crescente do número de internações de adolescentes (SEDH, 2011) e a crescente criminalização deste segmento social (BATISTA, 2011).

Há efetivamente inúmeros estudos que incidem sobre este fenômeno. Em que pesem às contribuições que estes estudos oferecem, a expectativa é a de que já tivéssemos avançado numa maior compreensão deste fenômeno e nos processos aí implicados. É neste contexto, que expressa a relevância deste estudo, que toma como problemática essencial a relação do adolescente com o ato infracional. O objetivo foi identificar e analisar as percepções dos adolescentes em privação de liberdade acerca do seu envolvimento com o ato infracional, tendo como questões-chave as seguintes indagações: (i) quais são as formas de

percepção do adolescente em conflito com a lei sobre o seu envolvimento com a criminalidade?; (ii) e a que ele atribui o seu envolvimento com o ato infracional?

As questões norteadoras deste estudo conduzem a uma abordagem metodológica qualitativa e descritiva. Para atender a este propósito, a estratégia metodológica adotada enquadra-se na perspectiva da investigação qualitativa, tomando como base a percepção social dos sujeitos como recurso que permite abordar situações de impacto emocional, comportamentos e emoções (ALVES-MAZZOTTI, 2004).

Como instrumento de investigação, utilizou-se a entrevista em profundidade, cujo roteiro foi composto por 08 questões semiestruturadas. A população amostra para o estudo foi de 20 (vinte) adolescentes do sexo masculino, com idade entre 15 a 18 anos, reincidentes, cumprindo medida de internação na Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente - CASA. A escolha por adolescentes do sexo masculino fez-se pelo histórico e constituição, em geral, desta população de autores de delito em privação de liberdade.

Na organização dos dados e no processo de análise das informações, utilizamos a técnica de análise temática proposta por Bardin (2002), constituindo-se de três etapas: pré-análise, descrição analítica e interpretação. Isto implicou a leitura sistemática dos textos, o que permitiu a familiarização e organização dos conteúdos expressos pelos entrevistados. A partir das leituras realizadas, foram sendo

identificados atores, situações, acontecimentos, discursos e argumentos.

A análise por categorias buscou qualitativamente a presença de determinados temas e seus significados; as informações coletadas foram agrupadas e categorizadas, analisadas e relacionadas de acordo com o apoio do referencial bibliográfico. A fase seguinte foi estruturar as informações nas diversas categorias, que progressivamente vai dando sentido e coerência entre os discursos e a cada discurso em si, aliada à coerência interna de cada categoria e à diferenciação entre cada uma delas, dando sustentabilidade e pertinência aos discursos. A análise do conteúdo expresso pelos informantes-chave permitiu que se reordenassem as percepções em 03 categorias, que serão apresentadas com a respectiva discussão dos resultados.

Os dados aqui analisados resultam de 12 entrevistas individuais que se reportam à terceira categoria: o envolvimento do adolescente com o crime ancorado na emoção.

O presente artigo está estruturado em três sessões. Nesta primeira sessão, foi sinalizado o contexto na qual a problemática ocorre, os objetivos, método e procedimentos deste estudo. Na segunda sessão, com base em referencial teórico diversificado, pretende-se contribuir para o alargamento do conhecimento das bases teóricas do delito envolvendo adolescentes, partindo de uma análise sócio-histórica. Na terceira sessão, composta por seis itens, far-se-

á a descrição pormenorizada dos resultados e das análises. E, por fim, serão também apresentadas as considerações, com base nos resultados obtidos, que consideramos pertinentes sobre a dimensão do objeto estudado.

## **2. Criminalidade e criminalidade adolescente: diferentes abordagens**

As teorias que explicam a criminalidade são construções sócio-históricas e têm sido desenvolvidas nos mais variados campos da ciência e sob as mais variadas perspectivas. Tomamos como pressuposto que a categoria denominada por criminalidade é polissêmica. Admite-se, de modo consensual, que a criminalidade é um fenômeno complexo e as tentativas para sua explicação é algo ainda limitado (CALDEIRA, 2000), sobretudo em função da qualidade dos dados.

Segundo Cano e Soares (2002), a partir dos meados do século XX os estudos que explicam as práticas de crimes evoluem nos campos da criminologia, da psicologia e da sociologia: as teorias do desvio cultural (COHEN, 1974; SUTHERLAND e CRESSEY, 1970); as teorias da tensão social (MERTON, 1957; 1977; DURKHEIM, 1980) as teorias do controle social (GOTTFREDSON e HIRSCHI, 1990) e as teorias de aprendizagem social, formuladas por BANDURA, 1975). Nestas teorias de natureza positivista, a tônica recai no autor do delito, portanto, interessa estudá-lo, categorizá-lo, pois o delito aparece como sintoma de sua personalidade patológica (BATISTA, 2011).

Os estudos sobre a criminalidade apontam para três grandes linhas de abordagens: a primeira ressalta as características individuais e tomam as variáveis psicológicas, biológicas e psicopatológicas; a segunda volta-se para os processos estruturais que levam os indivíduos a se tornarem “sujeitos criminosos” e a terceira, relacionada ao nível sociopsicológico, que contempla os aspectos de controle social das instituições (família, escola) e a influência de grupos.

As teorias mais recentes da criminologia contemporânea têm exercido uma influência peculiar nas argumentações sobre o envolvimento dos adolescentes e jovens na criminalidade. Dentre estas, destacam-se: a teoria do controle social, a teoria da escolha racional e a teoria do interacionismo simbólico.

Na teoria do controle social (HIRSCHI, 1969; GOTTFREDSON e HIRSCHI, 1990), a ênfase é dada nas razões que levam as pessoas a se absterem de cometer crimes. Esta teoria se tornou uma das referências mais fortes de estudos sobre a criminalidade juvenil. O pressuposto é de que o engajamento em atividades institucionais e a crença nos valores convencionais inibem práticas de crimes. A crítica a esta teoria é a de que seus autores substituíram as variáveis da criminologia positivista pela noção de autocontrole (CANO e SOARES, 2002).

A teoria econômica da escolha racional (BECKER, 1985) presume que o indivíduo tem a capacidade de

escolhas racionais em que confronta, de um lado, os potenciais ganhos, o valor da punição e as probabilidades de detenção e, de outro, o custo da oportunidade de cometer crime. Na linha da perspectiva positivista, a análise se volta sobre o agressor e sobre os determinantes individuais do crime (BATISTA, 2011; MISSE, 1999).

A teoria do interacionismo simbólico (MATSUEDA e HEIMER, 1997) tem sua origem na psicologia social. Defende que o indivíduo desenvolve atitudes estereotipadas na relação com os outros, por meio de papéis estabelecidos de forma interativa: a teoria de auto-representação (GOFFMAN, 1996) e a teoria da delinquência associada à vivência com grupos de pares (MATZA, 1996).

No Brasil, a emergência da criminalidade como campo de produção de conhecimentos é datada da década de 1980<sup>1</sup>. As investigações exploraram os riscos que a criminalidade e a violência urbana colocavam à democratização do país, caracterizando-se como uma abordagem política menos societária e técnica (BRETAS, 1989).

Na perspectiva das Ciências Sociais, os estudos focam o sistema econômico e seu caráter estrutural representado por núcleos figurativos, como: dominação, exploração capitalista, segregação racial e exclusão. Analisam a correlação causal entre pobreza e crime

---

<sup>1</sup> Anteriormente a esse período, a temática do crime confinava-se às abordagens do Direito Penal ou da Psiquiatria (BEATO FILHO et al, 2001).

(ZALUAR, 1994; KOWARICK, 1981), credita-se que as condições sociais precárias e ausência de políticas sociais levariam o indivíduo ao comportamento transgressor (KOWARICK e ANT, 1981; MISSE, 1999). Alguns estudos criticaram este enquadramento analítico (ZALUAR, 1985; PEZZIN, 1986; SAPORI e WANDERLEY, 2001).

Um novo deslocamento nas pesquisas sobre criminalidade no país localiza-se após 1990 e dá ênfase a novos elementos explicativos, com especificidade ao envolvimento de adolescentes e jovens. A construção social do adolescente autor de ato infracional passou a se relacionar com um conjunto de fatores: a adolescência, padrão de socialização, abandono, vitimização psicológica, física e sexual, relação com familiares e parceiros com envolvimento com o crime e a influência das drogas (KOWARICK, 1981; ZALUAR 1994).

No bojo desta produção, alguns estudos passam a explicar o envolvimento do adolescente com o ato infracional pela busca da identidade (OSÓRIO, 1998) que pressupõe a tendência por comportamento de risco e o desejo de onipotência (TAKIUTI, 2001); a busca de modelos de identificação, segurança e estima pessoal, recorre aos grupos de iguais submetendo-se às suas regras e aos seus ritos de iniciação (OSÓRIO, 1998; ABERASTURY, 1981; TAKIUTI, 2001), valorizando determinados objetos que têm valor simbólico para a sociedade (FEFFERMANN, 2004).

Sob condições psicológicas precárias e níveis de vulnerabilidade intensos afirma-se que o processo da busca da identidade passa pelo *ethos* da masculinidade, através do poder e *status* que se concretiza pelo uso de armas de fogo (FEFFERMANN, 2004). Alguns adolescentes e jovens do sexo masculino se inserem no tráfico de drogas em busca do reconhecimento, poder (ZALUAR, 2004) e visibilidade (SALES, 2007), escolhendo chefes do tráfico de drogas como modelos identificatórios e encantando-se por seu poder de vida e de morte, pelos riscos das guerras entre facções de tráfico e destas com a polícia (FREITAS, 2002), simbolizando virilidade, facilidade de atrair as mulheres e incidindo sobre o imaginário do adolescente (FEFFERMANN, 2004). O mundo criminal é “extremamente sexuado e viril e consumista” (ZALUAR, 1994, p.23).

Esses aspectos aliados ao consumo de drogas e à ausência de oportunidades no mercado formal de trabalho são elementos considerados importantes para a compreensão do fenômeno da prática infracional de adolescentes e jovens. (ZALUAR, 2001). Outras dimensões são também aí consideradas: territorial e étnica.

### **3. DISCUSSÃO E RESULTADOS**

### 3.1 - O que dizem os dados iniciais sobre os 12 entrevistados

Com relação à idade, no momento da realização das entrevistas, 05 estavam com 17 anos; 06 com 16 anos e 01 com 15 anos. Os dados revelam que a maior incidência encontra-se na faixa etária de 16 a 17 anos de idade. Quanto à procedência dos entrevistados, 09 são da Capital, 02 são procedentes da Baixada Santista e 01 do interior.

A análise do nível de escolaridade revela que a totalidade teve acesso à escola pública e nenhum deles concluiu a formação escolar. Nove deles não ultrapassaram o nível Fundamental I. Do total, 09 frequentam o ensino fundamental e 03, o ensino médio. Os participantes, em sua maioria (60 %), foram reprovados até três vezes durante a vida escolar. Os adolescentes que foram reprovados durante o ensino fundamental estão com defasagem série/idade. Apenas uma pequena parcela não apresentou *déficits* educacionais por reprovação (12%). Identificou-se também que 01 deles foi expulso da escola.

A maioria (75%), ao iniciar a prática de pequenos furtos e roubos ainda frequentava a escola. Porém, no momento da primeira apreensão, 16 deles (80%) se encontravam fora da escola. Ao solicitar aos entrevistados como vêem o seu próprio desempenho escolar, eles avaliaram da seguinte forma: ótimo (1); bom (02); regular (02); péssimo (07).

Sobre a questão de trabalho, 03 dos participantes responderam afirmativamente. Esses 03 adolescentes estavam com idade entre 12 e 15 anos no início da atividade. Um argumentou ter ido trabalhar para ajudar nas dificuldades de sua família. As atividades por quais passaram: ajudantes de pedreiro, marceneiro, carpinteiro, ajudante de mecânico, padeiro. O tempo médio de permanência destes adolescentes no trabalho variaram entre 01 a 08 meses. Destes, nenhum, com registro formal.

Os dados sobre tipos de família mostram que 09 deles são provenientes de famílias biparentais, posteriormente houve a separação dos pais ou perda de um deles por morte, ainda na infância. O restante é de família monoparental. Com relação à composição familiar, em média, cada participante possui 03 irmãos, somente um deles é primogênito. Os entrevistados residiram a maior parte de suas vidas: 08 com mãe e irmãos; 01, com pai; 02, com mãe, padrasto e irmãos; 01 com pais e irmãos.

Sobre o uso de substâncias psicoativas (o uso de drogas/tipo de drogas), 11 fazem uso e 01 não. O álcool é a droga mais utilizada por 85% e destes, 65% usavam com frequência. No segundo plano, surgem as drogas ilícitas, como maconha que aparece usada por 68% e, frequentemente, a cocaína por 55. À distância, foi constatado o uso do craque por 2% e 1% no uso de inalantes.

No momento da primeira apreensão, tinham entre 14 e 16 anos de idade; sendo que 33% estavam com 15 anos; 58% com 14 anos e 9% com 16 anos; e 67% são reincidentes na acepção legal.

Em relação ao tempo de cumprimento das medidas socioeducativas (PSC, LA e Internação ou o cumprimento de duas medidas simultaneamente), foi mensurado em meses e apresentou uma configuração também assimétrica e de grande variação. O tempo mínimo encontrado foi de 03 meses e o tempo máximo encontrado foi de 15 meses. Entretanto, se considerarmos isoladamente a trajetória de 02 destes adolescentes<sup>2</sup>, poderemos verificar que, ao total, somam-se a do adolescente x, 32 meses em regime de internação; e do adolescente y, 41 meses.

### **3.2 - O histórico dos delitos**

Na amostra estudada, foram identificados 11 tipos de delitos que caracterizam a prática infracional dos entrevistados: roubo, tráfico de drogas, sequestro, latrocínio, furto qualificado, assalto, porte ilegal de arma, assalto e roubo, sequestro com vítima, roubo qualificado, roubo e sequestro com vítima.

Os números concentram-se em torno de dois tipos de delitos: roubo e tráfico de drogas, tendo como grande destaque, o roubo. Os dados indicam proeminência dos delitos relacionados ao tráfico de drogas. Ou seja, 85,0 %

---

<sup>2</sup>As iniciais não foram colocadas para evitar possíveis identificações.

dos entrevistados tiveram suas primeiras apreensões motivadas por roubo ou tráfico de drogas.

A primeira apreensão foi motivada por 05 tipos de delitos: roubo, tráfico de drogas, furto qualificado, assalto e roubo qualificado; sendo que os dois primeiros tipos se sobrepõem aos demais em termos de frequência. O roubo prevalece como o delito de maior frequência em todo histórico delitual desses adolescentes, seguido de tráfico de drogas.

Os dados revelam que os participantes da pesquisa, no momento da primeira apreensão, tinham entre 14 e 16 anos de idade; sendo que 55% estavam com 15 anos; 40% com 14 anos e 5% com 16 anos. Dentre eles, 67% são reincidentes na aceção legal.

Considerando as percepções a respeito do contexto em que iniciaram as práticas infracionais, furto e roubo configuram-se como rito de entrada na prática infracional. Entre a segunda e a terceira apreensão, 30% dos adolescentes estiveram envolvidos em delitos de roubo com vítimas fatais, não registradas em boletins de ocorrência. A contar pelos delitos que não constam nos Boletins de Ocorrência, o latrocínio representaria um número significativo, ocupando o terceiro lugar na frequência dos delitos praticados pelos adolescentes. Outros 20% relataram que estiveram envolvidos com outros furtos e assaltos.

Ao tentar verificar se os delitos tendem a acontecer dentro do mesmo tipo de crime cometido na primeira, na

segunda ou demais “instâncias delitivas”, foi possível perceber que quando coincide o mesmo tipo de delito entre a primeira e as outras instâncias delitivas, a explicação pode estar na prevalência do delito roubo em relação aos demais delitos. Os dados revelam que há uma persistência no cometimento do crime de roubo, sendo que 3% deles abandonaram o tráfico e retomaram a prática de roubo.

O tempo de cumprimento das medidas socioeducativas (PSC, LA e Internação ou o cumprimento de duas medidas simultaneamente) foi mensurado em meses e apresentou uma configuração também assimétrica e de grande variação. O tempo mínimo encontrado foi de 03 meses e o tempo máximo encontrado foi de 15 meses. Entretanto, se tomarmos isoladamente a trajetória de a, pode-se verificar que, ao total, somam-se 32 meses em regime de internação e a de b, 41 meses.

### **3.3 - O envolvimento com a criminalidade: a noção de crime, o contexto da iniciação na prática delitiva e o histórico de delitos**

Em nenhum momento fomos tomados pela pretensão de podermos chegar a uma compreensão objetiva da prática de delito, mas tão somente identificar a visão do sujeito sobre o seu envolvimento com a criminalidade. As iniciais são fictícias para evitar possíveis identificações e foram

definidas juntamente com os sujeitos desta pesquisa. As falas foram mantidas na íntegra, as citações referentes aos seus discursos, podem conter erros gramaticais.

#### a) A noção de crime sob a ótica dos entrevistados

Este item apresenta os dados analisados com relação às percepções dos adolescentes sobre a noção de crime. As percepções situam-se em duas vertentes: na primeira o crime como algo danoso e na segunda, o crime é naturalizado.

As percepções apresentadas pelos entrevistados VPF, WSP e TBS sobre a noção de crime se incluem na primeira caracterização e explicitam a noção de crime como algo destrutivo. Para VPF, “o crime não é coisa boa. Quando comecei na vida do crime não imaginei que chegaria a este ponto. Matar, roubar, destrói as pessoas. Perdi a conta de tudo isto. Sei que o crime não é certo, mas tem muito criminoso por aí”. WSP traz a noção de que “o crime é coisa indigna. O crime é a destruição da família. Mas escolhi a vida do crime. Acho difícil sair dela, tem muita coisa envolvida, muita coisa boa envolvida por aí”. A visão de TBS é a de que o crime é mau. Tem “muita adrenalina e a coisa vai bom mesmo. Não escolhi o crime porque é mau (se refere à pessoa). Mas ninguém tá no mundo do crime porque é mau. É porque tem coisa que faz bem. Fora do crime, não sei como vai ser a minha vida”.

Os conceitos de crime enunciados por VBG e MBC revelam a autocensura sobre suas práticas delituosas:

O crime é cruel. Às vezes me arrependo, muitas vítimas. Quando quero, bateu vontade de ter mais dinheiro... Curto a vida, tenho namorada, balada. Este lado é bom. (...) Acho que não pode ser diferente. Se eu largar o meu trabalho, não sei o que vai ser da minha vida? (VBG).

A noção de crime para MBC é a de que “a vida de crime é ruim porque às vezes a gente padece e faz sofrer os outros. Mas não vou mentir, o crime é viver emoção, vivo de emoção. Mas somos gente”.

Os entrevistados NES e SDM também analisam o crime como algo nocivo e perpassado por perdas: NES conta:

A minha vida com a minha mãe e irmãos era boa. Não tinha necessidade disto. Eu achava que não tinha nada a perder. O crime não presta. Dá dinheiro, drogas, meninas, emoção, mas não presta, é destruidor. Tenho muitos crimes nas costas.

Para SDM,

A vida de bandido é vida de maldade e muita coisa que não presta: morte, roubo. Só ando preso. A minha vida é na prisão. Podia estar lá fora, lembro muito da minha infância. O crime é coisa maldita, porque quando estamos fora não queremos largar. A pessoa criminoso comete crime. A mente é voltada para o crime. Quem comete crime é criminoso. Cometo crime por emoção.

Estas concepções sobre crime refletem um valor moral bem demarcado. O crime é socialmente danoso. As falas admitem o pertencimento ao “mundo do crime”, não há negação. Estes discursos os colocam na região fronteira entre a autodeterminação e a sedução; entre o “mal” e o “prazer vivido”, um traço forte de ambiguidade. Essa

tendência é tida como inevitável quando as pessoas lidam com detalhes específicos e não quando se trata de um discurso geral sobre o crime (SANTOS, 1984). Outra explicação para o discurso ambíguo pode residir na dúvida do narrador com relação as suas “essencializações” (CALDEIRA, 2000, p.38; GUIMARÃES, 2004).

Nos discursos seguintes, o crime ocupa um lugar “naturalizado”. Para PTO, “o crime é defesa da pessoa, dignidade. Jorge Bush matou um milhão de gente no Iraque e não foi responsabilizado”. Na visão de FBG, “o crime é o certo. As pessoas mais estruturadas são aquelas que estão aqui”. Uma terceira visão é a de que “o roubo só é ruim por causa da adrenalina. Pode pintar um meganha na parada”. Segundo WLS “não existe crime. Quem fala de crime é a polícia e o jornal”. FGB vê o crime como “um jeito de ter lucro imediato. Crime é crime, pessoa criminosa comete crime, mas o crime é coisa normal”.

A fala de CGP aponta o crime como algo atrativo e distante da transgressão: “Crime é emoção. Uns caras vão lá e te dão a maior força, falam com moral: você agora virou bandido, agora você pode virar facção. Agora pode virar facção. Você tem todo respeito.” ASW não se percebe como indivíduo que comete crime e reforça o aspecto da emoção. Para ASW “a emoção é que domina. Se o cara não tiver emoção, consegue fazer a coisa. Sou preso pela emoção. Quando estou na roda, a emoção é que me atira para o crime. O crime tem muita emoção, não é crime”.

No conjunto dos discursos que naturalizam o crime pôde-se identificar que eles o associam a duas ordens de questões: a primeira é de o crime fazer parte do curso da vida; e a segunda, que o crime traz satisfação.

b) Percepções sobre o contexto na iniciação da prática de delitos

Durante as entrevistas foram narrados acontecimentos, movimentos e dinâmicas que caracterizaram os momentos em que tais delitos ocorreram.

As análises indicam, entre outros aspectos, que a iniciação com o crime é cada vez mais precoce (ASSIS, 2000). O discurso de TBS fala do contexto em que iniciou a prática de delitos:

Comecei a vida do crime sozinho. Comecei na vizinhança com pequenos furtos, aos poucos fui progredindo para infrações maiores. Esta coisa cresceu aos poucos. Quando eu tinha 10 anos me ofereceram um cigarro de maconha. A vida do crime me seduziu. A primeira oportunidade, abracei com tudo.

As percepções de WSP, NES e VBG trazem, como pano de fundo, a ruptura de vínculos com a escola e com os laços parentais. WSP cita que desde pequeno, “com oito anos, comecei a ficar fascinado pelas coisas da rua. Comecei a não ir para aula, a não ligar mais para minha mãe. Saía escondido e roubava. Acho que passava pelo crime de qualquer forma”.

Outras narrativas são as de NES e VBG que esclarecem como iniciaram na prática delitiva:

Comecei a entrar na vida do crime com 12 anos e aí comecei a me afastar da minha casa e da minha mãe. Comecei a brigar muito com minha mãe. Deixei de ir para escola. Andava sozinho e quando tinha oportunidade roubava as coisas de padarias, supermercados, farmácias, feiras (VBG).

Comecei a ficar injuriado, revoltado. Aos 11 anos fumei um baseado. Tudo mudou de repente. Mudei de amigos, lugares diferentes, colegas diferentes. Não queria saber de minha mãe. Deixei a escola. Já roubava sozinho nas lojas. Ficava zonzinho de bronca de tudo (NES).

As percepções seguintes acerca da iniciação no “mundo” do crime têm um núcleo interpretativo comum: a presença de pessoas de referência envolvidas com o crime. VPF descreve: “comecei a colar nos caras de drogas, cocaína. Através do costume de usar, as quebradas estavam nos observando. Ai uns amigos fizeram convite para a gente entrar para biqueira, topei”. O argumento de PTO é de que “já tinha parente que praticava crimes. A partir dos 10 anos comecei a ver as coisas com outros olhos e a ver coisas erradas. Com 13 já vendia drogas. Vendia com os moleques que tinha amizade”. O discurso de SDM é enfático:

Comecei com 11 anos. Entrei numa escola diferente. Aos 12 anos eu comecei a entrar na escola do crime. Comecei a sair com um parente que é do PCC e uns caras. Comecei desde cedo a me aprofundar nas coisas de poder, mostrar que era esperto para as meninas.

Estes relatos indicam que o início de prática de delitos caracteriza-se por um movimento de fortalecimento de alguns vínculos e o enfraquecimento de outros.

As percepções seguintes indicam que o processo de iniciação na criminalidade confere ao autor de delitos

reconhecimento e visibilidade, negados em outros espaços sociais: na família, na escola e na comunidade. Vejamos o argumento de FGB: “comecei porque percebi que as meninas dão valor a bandido, porque tem grana, as meninas pagam pau para ladrão, elas gostam. Gostam mais, chamam mais atenção. Mulher não gosta de pobre, gosta de carro”. Os recortes a seguir, dos discursos de ASW e MBC caminham na mesma direção:

Aos 12 anos eu não ligava mais para nada. Já conhecia muitos caras, e foi aí que tudo começou. Comecei a me preocupar com armas e meninas. Via os cara chegar nas quebrada, todo mundo cumprimentava, “três oitão” na cintura, às vezes duas armas (ASW).

Obsessão da mente para querer ter mais e ter meninas. Prá mostrar pros outros que temo poder e ser respeitado. (...) Desde o início já era bom. A gente saía dos lugares sem pagar, sabia que a gente estava armado. O cara sem arma não é nada (MBC).

WLS explica o contexto que deu início à vida infracional, pela via amorosa:

Quando tinha 14 anos, um fato que marcou a minha vida para o crime foi quando comecei ter mais conhecimento sobre a mulher, chegar nela. Elas gostavam muito de mim. Comecei a ficar colado nos caras de drogas, cocaína para ter dinheiro para sair com elas.

No conjunto das percepções, o que se verifica é que, embora acontecimentos, atores, recursos e situações possam apresentar similaridades, os processos e situações vividos pelos adolescentes não são processos lineares, expressam-se nas lógicas de “inserção perversa” e precoce no mundo adulto que se materializa no estreito domínio entre o legal e

o ilegal, *glamorizados* pelo consumo e, de certa forma, amalgamados entre si sob o engodo de que estão e que podem se tornar cada vez mais fortes.

### **3.4 - A emoção como categoria teórica**

Baseando-nos nas reflexões apontadas pela literatura pesquisada, tornou-se possível identificar a influência das emoções no envolvimento com a criminalidade. A partir desta perspectiva, foi escolhida como aporte teórico a concepção de González Rey, a qual possibilitou estabelecer configurações das percepções de 12, dos 20 entrevistados que participaram desta pesquisa. A abordagem desta categoria privilegiou o conceito de emoção de González Rey (2003) que a conceitua como um processo que mantém estreita relação com as ações, valores e juízos intrínsecos a todas as dimensões da vida humana (GONZÁLEZ REY, 1996).

Desse modo, para uma abordagem mais acurada do estudo das emoções é necessário analisar os discursos e a linguagem e compreendê-los como práticas sociais, à medida que as emoções sofrem intermediações das determinações sociais. È necessário entendê-las dentro dos contextos culturais específicos.

González Rey (2003, p.35) conceitua emoção como “um sistema de registro pelo qual o sujeito consegue mobilizar-se subjetivamente para o desenvolvimento de uma

atividade” (*id ib*). O autor parte da ideia de que a emoção direciona as ações e pensamentos na relação interpessoal, pois exerce uma função orientadora num contexto de decisões a serem tomadas e ao mesmo tempo, as emoções cumprem um papel decisivo na regulação dos sentimentos, posto que, fornecem condições para o sujeito realizar sua ação.

Nesse domínio, González Rey (2005, p.245) realça um aspecto importante denominado necessidade, a qual pode ser definida “como o estado afetivo que aparece pela integração de um conjunto de emoções de diferentes procedências no curso de uma relação ou de uma atividade realizada”.

Com o objetivo de demarcarmos a especificidade da relação entre emoção e “as necessidades”, faz-se necessário explicitar que as “necessidades” dinamizam a ação do sujeito, efetivamente imbricada na emoção. As “necessidades” estão relacionadas tanto a falta ou privação de determinados objetos (bens materiais) quanto à ausência subjetiva de algo imaterial. O sentido da expressão “necessidades” assume, uma dimensão genérica e abrangente, considerada como um sentimento e desejo que envolve exigências valorativas e que motiva o comportamento humano para a busca incessante de bens materiais ou simbólicos. Assim, “toda atividade ou relação implica o surgimento de um conjunto de necessidades para ter sentido para o sujeito” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 245-6). "Se a emoção diz não, os meios não estão disponíveis ....

A emoção é que define a disponibilidade dos recursos subjetivos do sujeito para atuar" (GONZÁLEZ REY, 2003, p.245).

Para o autor, “enquanto discutimos uma certa emoção, nós sempre identificamos a necessidade sobre a qual se baseia a emoção” (GONZÁLEZ REY, 2002, p. 245). Isto porque, “as emoções representam um momento essencial na definição dos sentidos subjetivos dos processos e relações do sujeito. Uma experiência ou ação só tem sentido quando é portadora de uma carga emocional" (*id, ib*, p. 342). Esse estado emocional, que mobiliza, para ação, é que "caracteriza o estado do sujeito ante toda a ação fundamental" (*id, ib*, p.242).

GONZÁLEZ REY (2005) recomenda situar a emoção no contexto cultural e histórico das sociedades, conceituando-a a luz das dimensões pública e social da experiência afetiva, eliminando a dualidade social e individual. “As emoções representam um momento essencial na definição do sentido subjetivo dos processos e relações do sujeito. Uma experiência ou ação só tem sentido quando é portadora de uma carga emocional” (*id,ib*, p.247).

### **3.5 - As percepções sobre o envolvimento com a criminalidade ancorado na emoção**

As análises das percepções dos 12 informantes-chave, em seus discursos e argumentos utilizados para a descrição de suas percepções sobre as práticas criminais, permitiram a

identificação de núcleos figurativos, sendo eles: a emoção, a sedução e o ódio.

O traço forte dos discursos é considerar a emoção como algo intrínseco a atividade transgressora: “a primeira vez que fumei um baseado gostei. Meus primos, quando eu era pequeno, dizia: você vai ser um criminoso (...), comecei a me envolver, também. Era minha vida, era emoção” (WSP).

...a maioria vai pela emoção, emoção mesmo. Outros vão pelo respeito que consegue na vida do crime. Outros pela necessidade. Mas é pouco os que se envolvem porque passa fome ou porque quer comprar tênis, bicicleta. No duro, é emoção, adrenalina (NES).

González Rey (2004) afirma que a emoção é uma expressão da síntese das histórias pessoais e expressam a síntese complexa de um conjunto de estados sobre os quais o sujeito pode ou não ter consciência. Pode-se verificar esta assertiva na fala de ASW: “Posso até trabalhar, mas não consigo parar. Depois a gente cansa de trabalhar. Não tem emoção. Não sei explicar, mas acho que vou continuar quando sair daqui”. E na de VPF: “Tem moleque que passa fome, tem outros que têm tudo, mas não têm atenção. Outros vão de embalo. Mas a maioria vai pela emoção de ser bandido. A arma dá muita fantasia e a gente cai. Fui crescendo com isso na cabeça”.

As percepções de CGP e VBG sintonizam com a perspectiva colocada por GONZÁLEZ REY (2003) quando afirma que é a emoção que define a disponibilidade dos

recursos subjetivos para atuação dos sujeitos: “Ninguém influencia na nossa decisão, a gente é que decide. Nem as menina não influencia na nossa decisão. Não tive necessidade de entrar para o crime. Entrei no crime por emoção. Crime é emoção” (CGP). É também a perspectiva colocada nesta percepção: “O roubo dá emoção. Não saio mais. (...) Dormia muito fora de casa, por causa da droga. Isto foi me ajudando a estruturar a minha vida do crime e vi que faço por emoção” (VBG).

Os argumentos de MBC, TBS e PTO com relação ao envolvimento com o delito traduz a emoção pela sedução ao ato ilegal, ilícito, e que provoca o sentimento de pertencimento a um “mundo”, ao mesmo tempo de reconhecimento (“ter conceito”) e de controle sobre ele.

Emoção, você vai ficando cada vez mais envolvido, passa fazer parte de sua vida. Ninguém planeja, acontece é por emoção. É mais forte que nós porque tem muita emoção. Todo mundo respeita nós. Quem domina a periferia somos nós, do tráfico. (...) A gente é apresentado: este pessoal aqui é gente de peso (MBC).

Tô no crime pela emoção, curtição, adrenalina. Não digo que não vou pelo dinheiro, também precisava de dinheiro para ir pros lugares, mas a sedução é emoção é forte. O cara do crime é respeitado e é a gente que domina os lugar (TBS).

Roubava por ódio e descontava minha raiva de ter sido maltratado nas vítimas. Quando roubava vinha ódio na minha cabeça. Não tenho arrependimento (...) tem emoção. Não me arrependo de nenhuma situação. Nem consigo contar quantos carros roubei (ninguém aqui sabe). Já roubei muito. Não faço ideia de quantos. Perdi a conta (PTO).

Estas percepções expressam um valor cultural resultante de uma onipotência desenfreada que tende a se espalhar como “um efeito perverso da frieza, indiferença ou do ódio ao outro e do calculismo que precisa se desenvolver num universo onde a desconfiança dita as regras da sociabilidade cotidiana” (MISSE, 2003, p. 13).

As percepções de FBG e SDM sintonizam com a assertiva de que “a ética que informa a opção por esse tipo de vida não é econômica, mas hedonista e voraz” (*idem, ibidem*), socioeconômica e utilitarista.

A causa principal é a emoção, o cara quer ter um conceito. Além disso; mulher, carro, moto. Mas não me importo com nada disso, vale tudo. O que ganho gasto, dou pras meninas, dou pros outros. Mas você tem todo respeito (FBG).

A vida do crime seduz, a sedução é muito grande. Acho que não dá para parar, tenho bastante anos no tráfico. Não tinha necessidade em casa. Vivo isto por emoção, gasto tudo. O crime é emoção. Os caras vão lá e falam com moral: você agora virou bandido, agora você pode virar facção (WLS).

O reconhecimento deste adolescente como sujeito só pode ser pensado “quando há produção de sentido, quando há diferenciação e singularidade. Sem isso, o sujeito fica anulado por determinações objetivas externas” (GONZÁLEZ REY, 2004, p.138), pois “nenhum sistema na história da humanidade foi capaz de neutralizar os sujeitos individuais, por mais que se tenha investido no progresso de sua domesticação” (*id, ib*, p.140).

Não estamos no mundo do crime por dinheiro. Mas viver com constrangimento e a humilhação de ser pisado diante das pessoas que tem com que o viver é

muito sofredor. Mas este não é o motivo porque estou na vida do crime. Vivo do crime porque hoje penso que vivo dentro de uma coisa que te deixa mais seguro para viver nas bocadas (SDM).

Os discursos dos entrevistados nos colocam diante de processos complexos que explicitam argumentos marcados, sobretudo pela força dos eventos emocionais, geradores de um estado de desejo, de tensão, que mobilizam o sujeito, que criam experiências afetivas que, como atividade psíquica, tem papel regulador.

### **3.6 - A inserção no tráfico de drogas**

Neste item, apresentaremos apenas algumas das percepções colhidas nas entrevistas, representativa das demais, uma vez que as percepções explicitadas no item anterior já narram os seus envolvimento com o tipo de ato delitivo.

Os discursos explicitam como seus desejos e sensibilidade são canalizados pelo tráfico de drogas:

Temos ligação, mas não sou da organização do PCC. Ter ligação com os grupos é a mesma coisa de dizer que também temos poder. Seguimos as mesmas regras, automaticamente somos envolvidos com o Comando. Temos regalias e meninas (MBC).

Nas quebradas, sabemos o que é ser revolucionário ou não. Nós queremos deixar redondo na comunidade: não deixar roubar cesta básica, alimento. A doutrina do CV não comete injustiça. Paz, Justiça e Liberdade a qualquer preço. Temos muita força (TBS).

O argumento seguinte apresenta o desconforto e risco para quem se envolve com o crime organizado: “Meu

envolvimento já foi maior com tráfico, mas dá muito trabalho: fazer, contar, abastecer, ou trazer para a biqueira. Não pode faltar mercadoria, nem dinheiro, é risco de vida. Dependendo de quanto faltar, morre. Meu negócio é roubo” (WLS).

Os discursos de WSP e ASW remetem aos valores e às regras intrínsecos ao tráfico de drogas: “da facção conheço os caras. Tenho maior respeito. Os caras são inteligentes, têm cabeça. Tem a ética da facção: não estupra, não cagueta. Não gosta de veado. Veados só atrapalha” (WSP). A fala de ASW: “no tráfico, chamou tem que ir. O menor é o que os caras mais querem. O crime organizado, o PCC entrou para por ordem no crime”.

Os discursos de SDM e NES explicitam o *glamour* que lhes propiciam a inserção no tráfico de drogas: “esta pesquisa vai chegar nas autoridades. Os intelectuais deveriam ajudar o governo a compreender que não estamos no crime por dinheiro” (ASW).

O meu plano é afinar no tráfico e vender só para mim. Têm muitos que fazem isto. Penso em viver a alma do Comando. Lema: paz, justiça e liberdade. Paz para todos. Liberdade para todos a qualquer custo. Temos regalias e meninas (SDM).

É o poder, me sinto mais forte. Sou respeitado. Todos têm medo da gente. As meninas gostam. O cara tem respeito, tem moral. Falar que meteu bala, sequestrou, botou mão em 20 mil, 10 mil. Tenho liberdade de acesso. A gente passa a conhecer tudo na vida, a dominar tudo (NES).

## Considerações finais

As percepções dos entrevistados deixam entrever uma recorrência: o envolvimento com o ato infracional e o sentido de criminalidade aparece nos relatos.. Esse sentido de criminalidade é elaborado a partir do processo de “criminalização social e criminal” (ZAFFARONI, 2003; BATISTA, 2005) a que são submetidos. A forma como cada um deles dá sentido aos seus atos é diferenciada e incorpora particularidades. Estas particularidades parecem estar associadas aos grupos de pares, a mídia, a sociedade e a cultura de um modo geral e ao senso comum.

Nas falas dos entrevistados são perceptíveis as decorrências de que “quando se barbariza muito um grupo de pessoas, eles acabam incorporando aqueles preconceitos e estereótipos que lhes foram auferidos” (BATISTA, 2005, p. 02). Faz parte do neoliberalismo uma maneira de pensar a questão criminal, como uma estratégia para criminalizar a pobreza (BAUMAN, 2004; ZAFFARONI, 2003). Nesse processo, especificamente pela internalização inconsciente dessa criminalização social e criminal, são mobilizados sentimentos de autodepreciação e o adolescente acaba por se convencer que tem uma tendência a praticar crimes, ou seja, de enveredar por um caminho sem volta e começa a adquirir a expectativa de que esse caminho tenha continuidade e permanência.

As análises apontam que os argumentos utilizados pelos entrevistados direcionam para uma postura de não querer curvarem-se as condições de vida a que são

submetidos pelo poderio econômico, o que resulta numa busca desenfreada de alternativas para a realização pessoal, ainda que lhes custem à própria vida. Surge desse modo, a corrida pelo poder, (valor máximo da sociedade contemporânea), que se conforma no apelo ao poder das armas, à virilidade, mas, sobretudo a busca incessante de “heróis”.

É nesse processo complexo de incorporação de criminalização da pobreza que suas identidades vão sendo construídas. É nesse sentido que a “criminalização social e criminal” do adolescente pobre se caracteriza como um tipo danoso, vil e perverso. Há, nesse caso, um processo de deslocamento da transgressão para a subjetividade do transgressor e para a sua individualidade (BATISTA, 2005). A reprodução dessa tipificação começa a fazer sentido para a sociedade em geral, inclusive para o próprio indivíduo que transgride (GOFFMAN, 1996).

As implicações da “criminalização social e criminal” aparecem nos relatos dos entrevistados quando narram suas perspectivas de futuro, a exemplo do que falam CGP e TBS: “Penso. Pretendo ter filhos com a minha namorada, quero sair daqui e ficar com ela. Se ela estiver me esperando. Não sei senhora. A gente não pode garantir não sabemos o que nos espera lá fora” (CGP). TBS conta: “Eles jamais vão dar oportunidade para nós, nem sociedade nem governo. Nesta vida tudo é ilusão, só a família pode ajudar. Quando eu saí daqui a primeira vez não consegui nada, nenhum trabalho.

Depois que a gente sai daqui, a gente que se vire. Saiu, morreu o assunto” (TBS).

As implicações da criminalização da pobreza se manifestam expressivamente no tipo de políticas voltadas a essa população: PTO, CGP e WLS (entre outros) explicitam esta questão: “a missão da Fundação é educar, manter a nossa integridade física, mas é tudo ao contrário. Pune por motivos banais. Não adianta ficar falando, nada mudou. Não temos direitos, não podemos fazer nada, eles são muitos” (PTO).

Nunca bateram em mim, eu sei desenrolar, mas bate nos meus colegas. Integridade física continua violada. Eles abusam do poder. Por isto nunca vou acreditar no governo. Se eu tivesse boa educação, a vontade de sair desta vida iria se manifestar muito mais. As regras da cadeia e nós somos antigovernamental (CGP).

A FEBEM não educa. Precisa procurar outras coisas para educar os menores. Eu não apanho, mas tem gente leva coro. Eles tem medo quando a gente é mais estruturado. Tudo você tem que pedir licença. Acaba revoltando mais ainda. “Toma” em qualquer lugar. Pense o que é “tomar” na cara (WLS).

Do ponto de vista do ciclo da pesquisa, podemos afirmar que proporcionou uma ampla revisão da literatura nacional sobre o tema, além de coletar rico material empírico pelas entrevistas, entretanto, esse material empírico foi apenas analisado superficialmente. Há uma nova etapa de pesquisa em curso que se propõe a explorar de modo mais amplo esse material empírico, confrontá-lo com outras pesquisas de igual natureza e aprofundar a revisão da literatura alcançando a produção latino-

americana de maneira a estabelecer o diálogo entre os resultados da pesquisa empírica com essa produção internacional, de forma a contribuir para uma compreensão mais ampla de como o objeto de estudo se configura, identificando e analisando similitudes ou diferenças entre os resultados.

## **BIBLIOGRAFIA**

ABERASTURY, A. **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ADORNO, S. Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea. **Jornal da Psicologia-PSI**, abril/jun, 2002.

ALVES-MAZZOTTI, A.J. **O método nas ciências naturais e sociais. Pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 2004.

ASSIS, S. G. **Traçando Caminhos numa Sociedade Violenta. A Vida de Jovens Infratores e seus Irmãos não Infratores**. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2000.

BANDURA, A. **Social learning theory**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1975.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

BATISTA, V. M. **Difíceis ganhos fáceis** (drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: Revan, 2005.

\_\_\_\_\_. **Introdução crítica a criminologia brasileira**. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BECKER, G. **Accounting for Tastes**. Harvard University Press, 1985.

BEATO FILHO, C.; ASSUNÇÃO, R. e SANTOS, M.C. **"Análise da evolução temporal da criminalidade violenta em Minas Gerais" (1986-1997)**. São Paulo: IPE/USP, 2001.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Direitos Humanos. **Levantamento Nacional do Atendimento Socioeducativo ao Adolescente em Conflito com a Lei**. 04/ 2011. Disponível em [http://www.mj.gov.br/sedh/ct/Noticias\\_Anexos/](http://www.mj.gov.br/sedh/ct/Noticias_Anexos/). Acesso em 04/2011.

BRETAS, M. L.: **"Observações sobre a falência dos modelos policiais"**. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v.9, n.1, 1997. BRANT, 1989;

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade dos muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Trad. Frank de Oliveira e Henrique Monteiro - São Paulo: Ed. 34; Edusp, 2000.

CANO, I.; SOARES, G. D. **As Teorias sobre as Causas da Criminalidade**. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

COHEN, A. K. **Delinquent boys**. Glencoe: Free Press, 1974.

COSTA, M. O. **Desemprego juvenil no Ceará**. Fortaleza: IDT, 2007.

DURKHEIM, Emile. **Le regole del metodo sociologico**. Milano: Comunità, 1980.

FEFFERMANN, M. **Vidas arriscadas**. 2004. Tese (doutorado), Faculdade de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

FREITAS, W. C. P. **Espaço urbano e criminalidade**. Lições da Escola de Chicago. São Paulo: IBCCRIM, 2002.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 7<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GONZÁLEZ REY, F. L **Problemas epistemológicos de la psicología**. Havana: Editorial Academia, 1996.

\_\_\_\_\_. La investigación sobre la subjetividad humana: algunas cuestiones para el debate. **Anais do I Simpósio Multidisciplinar Pensar, Criar e Transformar**. São Paulo: Unimarco Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. Trad. Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

\_\_\_\_\_. **O social na psicologia e a psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. O Valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: (Org). **Subjetividade, complexidade e pesquisa psicológica**. São Paulo: Pioneira, 2005.

GOTTFREDSON, D.C.; HIRSCHI, T. **Teoria geral do crime**. Stanford, CA, Stanford University Press, 1990.

GRAMSCI, A. **Intelectuais e a Organização da Cultura**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.

GUIMARÃES, A. P. **As classes perigosas**. Rio de Janeiro, Graal 1982.

HIRSCHI, T. **Causes of delinquency**. Los Angeles: University of California Press, 1969.

KOWARICK, L.; ANT, C. Violência: reflexões sobre a banalidade do cotidiano em São Paulo. In: BOSCHI, R. **Violência e Cidade**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1981.

MATSUEDA, R. L.; HEIMER, K. **A symbolic interactionist theory of role transitions, role commitments, and delinquency**. New Brunswick: Transaction Publishers, 1997.

MATZA, David. **Come se diventa devianti**. Bologna: Il Mulino, 1996.

MERTON, R.K. **Teoria e Struttura sociale**. Bologna: Il Mulino, 1977.

\_\_\_\_\_. MERTON, R.K. **Struttura sociale e anomia**. Bologna: Il Mulino, 1957.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1992.

MISSE, M. **Malandros, marginais e vagabundos**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1999.

\_\_\_\_\_. **A violência como sujeito difuso** – Reflexões sobre a violência urbana. **Inseguranças e desesperanças**. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2003.

OSORIO, L. C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PEZZIN, L. **Criminalidade urbana e crise econômica**. São paulo:IPE/USP, 1986.

SALES, M. A. **(In)visibilidade perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

SANTOS, J. C. do. **As raízes do crime**. (um estudo sobre as estruturas e as instituições da violência) Rio de Janeiro: Forense, 1984).

SAPORI, L. F.; WANDERLEY, C. B. **A relação entre desemprego e violência na sociedade brasileira: entre o mito e a realidade**. Konrad Adenauer Stiftung. A violência do cotidiano. São Paulo: *Cadernos Adenauer*, ano II, n. 1, 2001.

SUTHERLAND, E. H. & CRESSEY, D. R. **Principles of criminology**. Chicago, Illinois: Lippincott, 1970.

TAKIUTI. **Adolescência, fatores de risco e fatores de proteção**. Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos, 2001.

ZAFFARONI et al. **Direito Penal brasileiro. Teoria geral do Direito Penal**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta**. (As organizações populares e o significado da pobreza). São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **Condomínio do Diabo**. Rio de Janeiro: Revan, Ed. UDRJ, 1994.

\_\_\_\_\_. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de C. Sociais**. Vol 16, nº 16, São Paulo, fev. 2001.

\_\_\_\_\_. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.